

## EXCERTOS DE UMA EPISTEMOLOGIA PARA A ARTE

Marcos H. Camargo<sup>1</sup>

**RESUMO:** desde muito tempo e até os dias de hoje, muitos ainda consideram a arte apenas uma técnica, mas não como um conhecimento de caráter epistemológico. A antiga estética, aquela filosofia especializada e destinada a definir a arte, morreu de inanição intelectual. Há uma nova estética relacionada ao conhecimento perceptivo e sensorial, vinculada aos últimos desenvolvimentos das ciências cognitivas, das neurociências e da psicologia evolutiva, que vem reconhecendo o conhecimento estético como parte da cognição humana. A estética, portanto, deixa de pertencer ao campo da filosofia e adquire outro status epistemológico, como ciência autônoma, com desenvolvimento independente e procedimentos próprios. Sem a percepção e a sensação, não é possível entender o mundo, neste caso então, a estética adquire uma posição de fundamento da cognição humana.

**Palavras-chave:** cognição; conhecimento; estética; arte.

## EXCERPTS FROM AN EPISTEMOLOGY FOR ART

**ABSTRACT:** since a long time until nowadays, many people still consider art only a technique, but not as a knowledge of epistemological character. The old aesthetics, that was a specialized philosophy and intended to define art, died of intellectual inertia. There is a new aesthetics related to perceptual and sensory knowledge, linked to the latest developments of cognitive sciences, neurosciences, and evolutionary psychology, which has been recognizing aesthetic knowledge as part of human cognition. Aesthetics, therefore, ceases to belong to the field of philosophy and acquires another epistemological status, such as autonomous science, with independent development and proper procedures. Without perception and sensation, it is not possible to think the world, in this case aesthetics acquires a position of foundation of human cognition.

**Keywords:** cognition; knowledge; aesthetics; art.

---

1. Especialista em História do Pensamento Contemporâneo (PUC-PR, 1987). Especialista em Economia e Sociologia (PUC-PR, 1988). Mestre em Comunicação e Linguagens (UTP, 2003). Doutor em Artes Visuais (IAR-UNICAMP, 2010). Pós-doutor pela Escola de Comunicação (UFRJ, 2015). Professor de Graduação em Cinema e Audiovisual, Artes Cênicas, Música e Dança (Campus de Curitiba II – UNESPAR, desde 2006). Professor de Pós-graduação stricto sensu do Mestrado Profissional em Artes (Campus de Curitiba II, UNESPAR, desde 2018). Pesquisador nas áreas de Filosofia, Estética e Semiótica. E-mail: marcoshcamargo@yahoo.com.br

## UMA IDEIA DE CONHECIMENTO

Há cerca de duzentos anos, a importância da tecnociência vem crescendo no ocidente, inaugurando entre nós uma ideologia relativamente popular, conhecida por “cientificismo”. Contudo, no que se refere aos interesses da sociedade, a maior importância recai sobre a formação de *conhecimento* em quaisquer áreas do saber humano – não apenas científico. Por isso, o viés cientificista do conhecimento não pode ser generalizado, nem se tornar um padrão para as demais áreas.

A raiz da palavra ‘conhecimento’ refere-se a ‘nome’ (*gnomen*)<sup>2</sup>. Ou seja, o termo ‘conhecer’, na origem do ocidente, significava encontrar o nome próprio das coisas – uma operação intelectual de nomeação de conceitos construídos a partir da definição de características gerais e comuns a grupos de coisas. Ex.: ‘cadeira’ é um nome substantivo, que designa um conceito que compreende e define qualidades comuns (elemento do mobiliário, que contém pernas, assento, encosto, servindo para acomodar o corpo humano) a um grupo de entes assemelhados entre si.

Para os antigos, só poderia haver verdadeiro conhecimento se o *logos* (termo grego que significa ‘palavra’, ‘discurso’, ‘mente’, ‘pensamento’, ‘razão’, ‘ordem’, ‘lei’) concebesse um nome próprio para uma classe de coisas, eventos ou ideias. A exclusividade do *logos* para auferir conhecimento se tornou um dogma no ocidente greco-romano, medieval e moderno, a ponto de ainda hoje muitos considerarem falsas outras fontes de saber, como as advindas da *cognitio sensitiva* (cognição sensível), que embasa o conhecimento estético. Para os antigos, somente os conhecimentos constituídos pelo *logos* continham a qualidade da *episteme* – do grego: *epi* (em cima, sobre) + *histasthai* (colocar-se em pé, sustentar-se). Apenas o conhecimento epistemológico seria considerado verdadeiro, porque se sustenta por si próprio, independentemente do apoio de autoridades ou de crenças sociais. Daí provém a certeza da verdade científica e filosófica, de vez que suas fórmulas e conceitos se aplicam em qualquer lugar ou tempo, livremente da opinião de quem quer que seja.

Embora não se deva aplicar à estética os mesmos critérios epistemológicos atribuíveis às ciências e à filosofia, chegou a hora em que a *cognitio sensitiva* – por se tratar de um conhecimento autêntico e autônomo –, deve constituir sua própria epistemologia. Mas, para se construir uma epistemologia para a estética devemos evitar sua antiga classificação, como uma das três ciências normativas: lógica, ética e estética. Embora a lógica e a ética ainda lidem com normas do pensamento e do comportamento, respectivamente, a estética não pode mais limitar-se a digressões sobre normas e critérios para a arte.

---

2 Do latim *cognoscere*, formado do prefixo *cum* (partícula de intensificação), e da raiz protoindo-europeia *gno* (saber), significa tradicionalmente “apreender o ser das coisas com o intelecto”. Etimologicamente, o substantivo *cognitio* (conhecimento) admite um grau de parentesco com o verbo “nomear” (*cognomen*), de modo que a sobreposição dos seus significados permite deduzir que os antigos entendiam o conhecimento como a capacidade de “nomear” as coisas, dando sentido e significado a elas. Assim, de uma maneira ancestral, ‘conhecer’ é dar nome substantivo às coisas, isto é, incorporá-las à linguagem verbal por meio da compreensão de sua essência em um conceito.

Do grego *aistetikòs*, o conhecimento estético significa a ‘ciência que conhece por meio das sensações e percepções’ – não se trata, portanto, de uma ciência que lida com conceitos. A estética não é uma teoria do belo, nem uma filosofia da arte, porque se refere à cognição produzida pela percepção/sensação, proveniente dos órgãos dos sentidos. Atualmente, pesquisadores vêm oferecendo à estética uma ampliação de campo, para além da arte, colocando-a como uma grande teoria da percepção e da imanência, vinculada à memória experimental, por meio da *cognitio sensitiva* – o conhecimento sensível desenvolvido a partir da experiência do corpo no mundo. Agora, fazem parte do campo da estética, além da arte, todos os demais conhecimentos constituídos através dos sentidos físicos. Ex.: desde a habilidade manual de um cirurgião, até a de um pintor; desde a percepção espacial de um piloto, até a de um dançarino; desde a habilidade auditiva de um engenheiro acústico, até a de um músico; desde a acuidade de visual de um *videomaker*, até a de um escultor, entre outros.

No princípio da filosofia, o pensamento ocidental estabeleceu um método pelo qual a razão alcançaria a verdade mesmo antes da ocorrência dos fatos sobre os quais tratava: o pensamento dedutivo-apriorístico foi (e continua sendo) o modo de inferência mais prestigiado entre os pensadores e cientistas. Mas, a antecipação do futuro, por meio do conhecimento dos padrões de comportamento da realidade, acabou por gerar a soberba da razão, que imagina conter o mundo todo em suas abstrações ideacionais. “Traduzindo-se toda a amplitude do *logos* como *ratio*, privilegiam-se a medida e a norma (...) Esse dogmatismo decorre da ideia do *logos* como redução da diversidade do real (a infinitude de opostos, o mistério da diferença) no império da unidade”. (SODRÉ, 2006, p. 25)

Entendida como o método para alcançar o bom pensamento, a lógica (a ciência do *logos*) se tornou sinônimo de inteligência, na medida em que essas duas instâncias visam conhecer a mecânica das normas, padrões e códigos que regem a manifestação das coisas. Mas os códigos desenvolvidos pelos humanos não são ordens naturais, apenas interpretações antropológicas do mundo, com as quais a mente constrói uma utopia pacífica, fixa e protegida do atrito transformador que a diversidade do real nos impõe.

Talvez a mais frustrante de todas as dificuldades acerca do conhecimento seja a impossibilidade de sair de nossa condição humana, para julgar de forma isenta o que alguém pode, de fato, conhecer – a grande questão kantiana. O certo é que nada podemos medir senão segundo nossa própria natureza – processo que se denomina *antropocentrismo*. Aqui reside a maior de todas as tentações que assombam o saber humano, pois muitos sucumbem à vaidade de se crer na posse do método definitivo para alcançar o verdadeiro conhecimento.

Mas o conhecimento não se resume ao que os clássicos, medievais e os modernos pensavam dele. Antes de qualquer teoria, precisamos compreender que o conhecimento é o resultado do mais básico e fundamental instinto de sobrevivência. Conhecimento é o conjunto de informações

eficientes que o indivíduo processa sobre o ambiente em que se encontra, de modo a garantir sua sobrevivência e prosperidade.

Todo conhecimento tem início em uma operação biológica denominada *cognição*. Segundo interpretações contemporâneas das ciências cognitivas, a cognição humana tem dois aspectos distintos, porém, interdependentes. Em um de seus aspectos, a cognição é gerada pela percepção (órgãos dos sentidos) de afetos causados pelo atrito do corpo humano com os demais corpos, forças e eventos existentes no mundo real – podemos denominar essa qualidade cognitiva de ‘sensível’ ou ‘estética’. O outro aspecto da cognição também provém da percepção de sinais do ambiente, cuja interpretação está codificada nas representações de ideias comuns a uma comunidade, como nas linguagens – podemos denominar essa qualidade da cognição de ‘lógica’, ‘simbólica’ ou ‘intelectual’. Ambos os aspectos da cognição (estético e lógico) são versos de uma mesma moeda que vale o conhecimento.

Ao entender a profundidade dessa questão, Francis Bacon (1561-1626) cunhou sua famosa frase: *scientia est potentia*<sup>3</sup>. Em suma, o conhecimento é a atividade cognitiva que permite relacionar dados e informações, emprestando ao indivíduo o relativo poder de enfrentar e superar as peculiaridades e inconstantes transformações do ambiente em que vive. Por isso, o conhecimento é o bem mais precioso de se possuir e o mais dispendioso para se auferir.

## PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO

Defensores da abstração ainda creem que o pensamento intelectual se origina em meio a puros atributos racionais, provenientes de uma realidade universal pré-existente à realidade. Eles imaginam a intelecção como a forma de conhecimento capturada de um mundo metafísico, por uma mente suprassensível que habita o corpo humano, independentemente dos fatores fisiológicos cerebrais, que devem ser controlados pela lógica para evitar as investidas dos afetos volitivos da carne, da necessidade visceral e da paixão. Buscam, de modo radical, opor o corpo à mente, criando barreiras tão irredutíveis, quanto irrealis, enquanto negam sob qualquer circunstância, os vínculos biológicos entre o pensamento e a afecção.

No entanto, a biologia já sabe que os órgãos dos sentidos participam plenamente da elaboração do que o senso comum conhece por “mente”. Isso já está comprovado pelos estudos acerca do desenvolvimento do embrião no interior do útero, quando aprendemos que tanto o cérebro, o cerebelo, como a medula espinhal provêm do mesmo folheto embrionário (ectoderma) de onde se originam também os órgãos sensitivos. Para as ciências biológicas não existe qualquer oposição corpo/mente, corpo/alma, nem sequer sensível/inteligível, porque os órgãos dos sentidos compõem a parte externa do cérebro.

---

<sup>3</sup> “Conhecimento é poder”. E a chave do poder é o segredo com que se trata aquilo que se conhece.

Olhos, ouvidos, nariz, boca e pele são sistemas cerebrais de rastreamento, busca e pesquisa sobre o ambiente; são as partes exteriores do sistema cerebral que colhem informações sobre tudo o que nos afeta, participando da formação do conhecimento por meio do processamento das experiências sensoriais. Os sentidos físicos trabalham de modo integrado, na maior parte das vezes, enquanto focam unidos no mesmo tipo de informação. Capturam os dados da realidade sob variados aspectos em uma combinação de sistemas perceptivos, devido a um processo natural denominado *sinestesia*.

A lista dos cinco sentidos estabelecida por Aristóteles, agora considerada incompleta, vem sendo acrescida de outras organizações sensitivas pesquisadas pelas ciências.

Junto com os órgãos sensores exteroceptores (olho, ouvido, pele, nariz, boca), há os proprioceptores (nos músculos, juntas e ouvido interno) e os interoceptores (terminações nervosas em órgãos viscerais) com três tipos de sensações por eles provocadas, respectivamente: sensações de origem externa ou percepções, sensações de movimento ou cinestesia e vagas sensações de origem interna, localizando-se aqui talvez os sentimentos e emoções. (SANTAELLA, 2006, p. 38)

Esses biossensores adaptados evolutivamente para dar conta de um vasto conjunto de informações nos permitem formar conhecimentos vitais, sutis e grandemente sofisticados, gerados com a leitura perceptiva do ambiente. Os órgãos sensoriais e suas percepções produzem um poderoso conjunto de informações que podemos denominar de cognição estética, da qual a mente se utiliza, em parte, para formar conceitos – mapas representativos do real. Entretanto, nem todas as cognições estéticas se transformam em representações semióticas – a maior parte delas prefigura na memória afetiva, como conhecimento experimental (imagens sensíveis) do real.

Antes do conhecimento, a percepção já é interesse, vantagem cognitiva, ponto de apoio para a construção de um mundo, como o rio é o ponto de apoio para a construção da cidade, a curva da costa marítima e do mar é ponto de apoio para a construção do porto (...) a percepção humana já é, de per se, técnica, enquanto seleção da oferta indiscriminada de estímulos e construção do sentido a partir da projeção futura visualizada como resposta ao interesse que promove o olhar [ouvir, sentir...]. Selecionando os estímulos imediatamente presentes e abraçando aqueles úteis à projeção futura, a percepção humana quebrando a imediatez da natureza, constrói um mundo. (GALIMBERTI, 2006, pp. 211/212)

Como um *analogon rationis*, a cognição estética é uma forma vital de pensar o mundo por meio das percepções humanas, que são bem mais importantes do que meras produtoras de sensação. As percepções já dispõem para nós aquilo que é de nosso interesse no mundo, permitindo-nos selecionar tecnicamente os elementos do real para construir um sentido sobre as coisas e projetar as consequências das ações humanas. A cognição estética contém em seus processos plena capacidade de gerar conhecimento efetivo, na medida em que permite seleção, construção e projeção de pensamento acerca do ambiente em que vivemos. A racionalidade, como uma forma “secundária” de pensamento, só pode ser acionada após a percepção estética realizar seu trabalho.

Corroborando com o axioma peripatético de Aristóteles, segundo o qual nada pode existir no intelecto que não apareça primeiramente na percepção (*Nihil est in intellectu quod non prius in sensu*), John Locke assenta as bases das teorias empiristas da modernidade. Isso, no entanto, precisa ser entendido de duas maneiras. Em primeiro lugar, os sentidos físicos são parte estruturante do sistema cerebral, que por sua vez é parte do corpo. Assim, a mente não tem como sustentar-se exilada do cérebro, nem se encontra circunscrita a ele, mas está distribuída por toda extensão de nossa biologia – a mente é produto do cérebro, que por sua vez é órgão do corpo. Logo, não existe a oposição mente-corpo.

Em segundo lugar, estruturas biológicas evolucionariamente especializadas em nosso corpo (órgãos digestivos, circulatórios, respiratórios, músculos, ossos, sentidos físicos e cérebro) estão preparadas para lidar com uma grande gama de informações sensíveis, capazes de gerar cognição, para além da memória de conceitos adquirida pelas linguagens lógicas (verbal e matemática).

Contra a tradição filosófica, [já no século XVIII] Helvétius afirma que os sentidos não nos enganam! Essa posição vai contra as habituais condenações (...) que repetem à saciedade essa ladainha filosófica repisada desde Platão: os sentidos nos enganam, somente a alma, por ser parcela do fogo divino em nós, pode nos permitir conhecer a verdade que é da mesma substância dela. De jeito nenhum, explica Helvétius: a materialidade da realidade pode ser apreendida graças à materialidade de um corpo que experimenta o mundo com a ajuda de seus sentidos. O erro, quando existe, não tem, portanto, nada a ver com os sentidos, e sim com o juízo. (ONFRAY, 2012, p. 186)

A matéria do corpo humano é da mesma natureza da matéria do mundo. Os que aprendem a utilizar os sentidos físicos como ferramentas de captura de informações sabem muito bem que as sensações e percepções fazem parte de nosso sistema de cognição e reconhecimento do ambiente, por isso mesmo não produzem alucinação, nem engano, mas saber.

A tradição filosófica costumava citar exemplos da precariedade e infidelidade dos sentidos físicos, tal como a “ilusória” imagem de um caniço mergulhado na água, em que a refração da luz o faz aparecer em dois lugares, ao mesmo tempo. Seria de se perguntar por que o Martim pescador, pássaro caçador de peixes, não se engana com tal fenômeno ótico, enquanto um humano poderia se enganar? Outro exemplo comumente citado pela tradição diz respeito à pretensa incapacidade dos sentidos para avaliar o tamanho real de coisas submetidas a uma grande distância. Novamente, seria de se perguntar por que o falcão não erra seu alvo, enxergando de longe sua presa, enquanto um humano poderia ser enganado pela distorção da proporção? De fato, o conhecimento gerado pelas imagens sensíveis não é enganoso para aqueles que aprendem a observar os fenômenos empíricos por meio da experiência dos sentidos físicos que a tradição do pensamento renega. Quando aprendemos que mente e corpo são uma só coisa, deixamos de hierarquizar essa relação, evitando colocar a mente (alma) acima do corpo (encarnação).

Por outro lado, embora ainda seja comum se crer no cérebro como um imenso aparelho de controle, com programas e aplicativos operados por um sujeito (alma, espírito, personalidade, sujeito), as neurociências vêm demonstrando que o “eu” não é mais do que uma rede de sistemas cerebrais que a mente se esforça para nos fazer crer que se trata de uma unidade. Os neurocientistas estão exorcizando o antigo fantasma platônico que respondia pela alma da pessoa, revelando-nos não haver nem sequer um setor no cérebro responsável por examinar fatos e tomar decisões para o restante da mente executar.

Cada um de nós sente que existe um “eu” único no controle. Mas essa é uma ilusão que o cérebro se esforça arduamente para produzir, como a impressão de que nosso campo visual é rico em detalhes de ponta a ponta. (Na verdade somos cegos para os detalhes fora do ponto de fixação. Movemos rapidamente os olhos para o que quer que pareça interessante, e isso nos leva a pensar enganosamente que os detalhes estavam lá o tempo todo.) (PINKER, 2004, pp. 69-70)

Do mesmo modo como nossa visão não é única, mais unificada pelo cérebro, também nossas redes neurais não comportam um centro que poderíamos denominar de “eu”. Temos em nossa composição física, da qual participa a estrutura cerebral, um conjunto de sistemas que atua aproximadamente de modo harmônico. A vontade é a força gravitacional que junta os pedaços quando precisamos executar uma tarefa, fazer um plano ou pensar sobre algo que sustente nossa vida. Além disso, o corpo também se encarrega de registrar em suas memórias afetiva e intelectual as sensações individuais e as interpretações que compartilha com a comunidade, de modo a relacionarmos-nos com os outros. Está tudo encaixado como em um automóvel, que funciona bem ou mal, por meio do conjunto mais ou menos organizado de suas peças e partes: o *id* é o motor energético da vida; enquanto o *ego* é o chassi que sustenta a vistosa lataria do *superego*; mas o motorista...: apertem os cintos que o sujeito sumiu!

Nosso corpo é um arranjo extraordinariamente improvável de matéria, com muitos modos de as coisas darem errado e apenas alguns de darem certo. Estamos fadados a morrer, e somos inteligentes o bastante para saber disso. Nossa mente é adaptada a um mundo que não existe mais, propensa a equívocos corrigíveis apenas com uma árdua educação, e condenada à perplexidade diante das questões mais profundas que podemos formular. (PINKER, 2004, p. 332)

A partir da segunda metade do século XIX e ao longo do século XX, a ciência e a filosofia produziram imensas desilusões quanto a posição da humanidade diante do mundo natural. Darwin nos tira de uma antiga categoria especial, na qual acreditávamos ser a imagem e semelhança da divindade, e nos recoloca no mundo como outro bicho qualquer igualmente sujeito a evolução; Marx complementa a tarefa democratizante do iluminismo destruindo as ilusões da sociedade ocidental acerca da mão invisível do capital que a tudo regularia naturalmente; Nietzsche desconcerta a lógica, surpreende a ciência e a filosofia demonstrando serem compostas de interpretações e discursos de

convencimento; e Freud dá continuidade à desconstrução do sujeito que se julgava uma unidade, independente do mundo e do próprio corpo, agora transformado em um acúmulo disforme de traumas e tabus.

Neste século XXI precisamos pesquisar com mais humildade os limites de nossa capacidade de conhecer. O mundo se transformou em uma cornucópia de diversidades terminando por implodir as ingênuas ideias acerca das identidades. Acabamos por descobrir que o verdadeiro conhecimento só provém do conhecimento de diferenças.

Mas, instruir alguém para ler o diverso em um fundo de identidades não é tarefa fácil, se levarmos em conta que a escola – a instituição institucionalizante – e o senso comum dedicam-se exclusivamente a ensinar apenas o reconhecimento de padrões, ordens, leis e identidades como valores universais imprescindíveis à reprodução cultural e social. Porém, na coletividade em que tudo é idêntico, homogêneo, permanente e fixo não é possível gerar novo conhecimento. Como a realidade é fluída e semovente, interpretar o mundo somente por meio de ciências exatas<sup>4</sup> é um enorme risco para a sobrevivência da sociedade.

O mundo real é composto de indefiníveis graus de diferenças que coabitam em inconstante conflito. A diversidade é o estado natural de um mundo em que tudo se move, tudo flui. Daí provém o horror ontológico que se abate sobre a tradição filosófica e científica, pois ao mover-se sobre si mesmo o real nunca permanece idêntico a modelos exatos, transformando-se em algo que está sempre ‘vindo-a-ser’ outra coisa, retorcendo sua ontologia tão radicalmente que impede o estabelecimento de uma essência.

O conceito se abstrai, o real se experimenta – são sons que se ouvem, movimentos que se percebem, aromas que se sentem, imagens que se veem. Há sempre uma cumplicidade congênita entre a imagem (aparência) de um fenômeno e a sensibilidade de sua apreensão. “O sensível é imagem: ambos, a imagem mimética e o fenômeno sensível, têm a marca de uma deficiência ontológica. A filosofia começa [com Platão] exatamente no reconhecimento da deficiência do sensível e acaba no seu esquecimento”. (MUNIZ, 2010, p. 34)

O sensível (conjunto dos fenômenos estéticos que fluem com o real) foi constante e sistematicamente denunciado, desde Platão até a modernidade filosófica, devido ao fato de seus eventos virem à cognição por meio de experiências imagéticas, sonoras, cinéticas, táteis, palato-olfativas ou hápticas, mas nunca por meio de conceitos. Assim, o pensamento tradicional entendeu que as manifestações sensíveis do real são ontologicamente deficientes, por não se traduzirem em conceitos. Segundo os antigos, os fenômenos sensíveis não comunicam o ser, mas apenas uma

---

4 Do latim *exactus*, esta palavra é composta pelo prefixo *ex* (fora, ausente, negação) e pela raiz *actus* (ato, ação, movimento) e significa etimologicamente “inatividade”, “fixidez” “ausência de movimento”, “rigor”, “imobilidade”. Algumas ciências são consideradas ‘exatas’, porque não se referem diretamente ao mundo real, mas à rigidez de seus métodos de interpretação, que visam o estabelecimento de ordens, padrões e leis universais. Conceitos e equações não podem ser ‘mexidos’, ‘modificados’, sob pena de perder validade dentro do sistema a que pertencem. A ‘exatidão’ não é certeza de conhecimento verdadeiro, pois pode significar em muitos casos a petrificação de interpretações, dogmatismo, dificultando o reconhecimento das transformações e da fluidez do mundo natural e cultural.



aparência do ser; não contêm a verdade, mas apenas uma aparência da verdade – não pode gerar um conhecimento, mas apenas a aparência de um conhecimento (*pseudos*).

Entretanto, a velha crença de que o conhecimento verdadeiro só se compõe de conceitos abstratos controlados pelo método da lógica, não mais se aplica na contemporaneidade. Hoje, já admitimos que o corpo humano é uma coisa do mundo real, com potência cognoscente capaz de constituir conhecimentos eficientes, a partir de suas relações fisiológicas com outras coisas que também habitam o ambiente real. O “equipamento para sentir, tocar, apalpar é anatomicamente o mesmo equipamento para se fazer coisas, agir no ambiente” (SANTAELLA, 2006, p. 45). A mesma coisa-corpo que sente é também o mesmo corpo-coisa que pensa.

A coisa não surge mais como um subjacente (um *hypokeimenon*) que pode funcionar como um suporte de predicções, mas como algo que aparece sensivelmente. Nas palavras de Heidegger: ‘A coisa é o *aistheton*, aquilo que é apreensível nos sentidos da sensibilidade por meio das sensações.’ (...) pensar a coisa como aquilo que é acolhido pela *aisthesis* é algo que cabe tanto para um carro, para uma bacia de barbeiro quanto para uma escultura clássica. Todas as coisas possuem indiscriminadamente uma dimensão sensível. (CASANOVA, 2010, p. 157)

A “coisidade” do mundo implica sua natureza estética, como também induz o cognoscente a inferir conhecimentos a partir de experiências sensíveis que só podem ser realizadas a partir de sua encarnação. A acusação de que as percepções corporais são vagas, ambíguas e semoventes, de fato se torna um elogio e uma constatação de sua eficiência cognitiva, na medida em que a realidade do mundo que precisamos conhecer também é ambígua, obscura, vaga e está sempre em fluxo.

Essa lógica da descoberta das forças pressupostas pela fraqueza corporal também é captada pela noção posterior de Merleau-Ponty da ‘carne’. Se o corpo compartilha a corruptibilidade das coisas materiais e pode ser caracterizado como ‘carne’ (o nome pejorativo tradicional de São Paulo e Agostinho), essa visão negativa da carne é transformada a fim de louvar e de explicar a capacidade especial do corpo para apreender o mundo das coisas sensíveis e comungar com ele, já que sua carne é sensível e também sensiente. (SHUSTERMAN, 2008, p. 96)

A coincidência qualitativa entre o real e nossa sensibilidade corporal se explica pelo fato da carne do mundo estar em nossa carne – a carne do mundo cria a nossa carne. Captamos sinais do mundo porque são feitos da mesma natureza de nosso corpo e ao conhecê-los, carnalmente, conhecemos a nós próprios.

As neurociências vêm avançando com desenvoltura em constatações científicas acerca da natureza do pensamento e dos mecanismos de produção de conhecimentos (a cognoscência), que confirmam seguidamente a encarnação da mente e sua corporificação. A partir da especialização cerebral, por exemplo, já se pode afirmar com algum grau de segurança, que o conhecimento experimental (perceptivo, sensível, estético) demanda mais espaço e energia para ser produzido

e memorizado, do que o conhecimento simbólico de representações semióticas, porque a biologia humana entende ser esse investimento evolutivamente mais vantajoso.

Segundo os mais recentes estudos sobre a economia energética do corpo humano, sabemos que o cérebro se utiliza de 20% do oxigênio corporal e 25% do oxigênio inalado na respiração. Porém, em relação ao corpo humano, o cérebro representa apenas cerca de 2% (dois por cento) do peso total. Este imenso gasto energético exigido pelo cérebro fica mais impressionante quando as neurociências afirmam atualmente que os movimentos, percepções, sensações, emoções e sentimentos registrados na memória de longo prazo ocupam a quase totalidade das áreas cerebrais (córtex, neocórtex, amígdala, corpo estriado, vias reflexas e cerebelo), enquanto que apenas um campo cerebral (lobo temporal medial) é destacado para gerar memórias de longo prazo relativas à interpretação de fatos, eventos e símbolos semânticos (linguagens e sistemas de signos). Em síntese, a natureza nos diz por meio dessas relações de proporção energética, que a atividade cerebral humana mais fundamental para o entendimento mundo é a cognição estética.

## COGNIÇÃO ESTÉTICA

Quando se fala de superstição dos lógicos não deixo nunca de insistir num fato que as pessoas que padecem desse mal não confessam senão através de imposição. É o fato de que um pensamento ocorre apenas quando quer e não quando “eu” quero, de modo que é falsear os fatos dizer que o sujeito “eu” é determinante na conjugação do verbo “pensar”. (NIETZSCHE, 1977, p. 32)

É curiosa a insistente fé dos que se acreditam portadores de um “eu” no comando de seu corpo. Eles não percebem que nunca são senhores em sua própria casa – esquecem-se de que até mesmo seus pensamentos ditos racionais não lhes ocorrem segundo suas deliberadas vontades. Ora, se as ideias não vêm ao racionalista quando ele as evoca, onde se encontra seu fabuloso domínio metódico que pretensamente exerce sobre suas pulsões carnisais?

Em pleno século XVII, Espinosa já desconfiava do *cogito* cartesiano e vivia um legítimo dilema filosófico, pois sendo obrigado por seu tempo e cultura a considerar o fator divino na origem e fim do pensamento humano, mesmo assim emprestava às percepções sensoriais muito mais valor cognitivo do que seus contemporâneos e pósteros ousaram atribuir. Em Espinosa, a importância do corpo humano para a cognição se deve à sua aptidão de afetar e ser afetado.

Ora, quanto maior essa aptidão afetiva, maior é a capacidade da mente de pensar várias coisas simultaneamente, e, por conseguinte, de compreender-lhes as relações de conveniência, diferença e oposição. (...) Com efeito, ser afetado não significa, em si, padecer. Muito pelo contrário, quanto mais a aptidão do corpo a ser afetado é reduzida, mais o corpo vive num meio restrito, insensível a um grande número de coisas, às múltiplas distinções delas: esse corpo não sabe responder, senão de maneira unilateral, às solicitações de seu meio exterior, aos problemas que o mundo lhe põe. (SÉVÉRAC, 2009, pp. 23-24)

O elogio à apatia (*a + patheia* = ausência de sensação) racionalista, ou seja, a busca cartesiana por uma anestesia dos sentidos requerida por uma razão que acredita pensar melhor quando livre das exigências da carne, começa a ser questionada em Espinosa, que vinculava esse hábito reflexivo a um ódio subliminar proveniente da rejeição judaico-cristã ao corpo, que radicalizou o ascetismo filosófico no medievo e na alta modernidade.

Uma vez criado à margem de seu tempo e lugar, Espinosa foi educado de modo excepcional, adquirindo certa sensibilidade capaz de enxergar de fora o absurdo assumido por aqueles que acreditavam pensar, apesar do corpo. Espinosa não pode compactuar com isso, pois ele crê haver no corpo humano uma imensa potencialidade cognitiva a ser desenvolvida a partir dos afetos provenientes das experiências boas e ruins, jubilosas e dolorosas que ocorrem na vida de cada um.

O abandono das exigências do corpo e a negação do movimento do mundo são requisitos elementares para a razão tradicional pensar a verdade. Mas é justamente essa ilusória autonomia em relação à realidade que desperta os monstros que habitam os sonhos da razão. Os conceitos racionais obedecem mais aos processos lógico-semióticos da linguagem, do que a uma eventual simetria com o mundo, gerando curiosas distorções sobre a realidade para permanecer válido dentro de seus parâmetros linguísticos – daqui é que surgem os paradoxos. A experiência afetiva, diferentemente da reflexão filosófica, desenvolve conhecimento eficiente acerca do mundo sem conceituá-lo, sem produzir o duplo da representação que desloca o pensamento do mundo sensível e o exila em planos de abstrações, onde habitam monstros inomináveis – a natureza não produz paradoxos.

Um dos fatores que demonstram a independência do conhecimento estético em relação ao conhecimento lógico-intelectual está no fato de que o conhecimento sensível é experimental e extrasemiótico<sup>5</sup>. Como criadora de cognição estética, a experiência corporal difere qualitativamente da conceituação, pelo fato de gerar conhecimento inconcebível<sup>6</sup>, que não pode ser traduzido em discurso. A experiência estética não gera um conhecimento sintético, nem analítico, pois ao ter início no mundo sensível, o apreende sem mutilá-lo em partes, sem retirar do real seu movimento inconstante, sem gerar um duplo fantasmagórico que o substitui semioticamente.

Como habitantes do mundo, nossos corpos sempre estão em relação com as outras coisas – a tal encontro denominamos ‘estese’ ou estesia; essa é uma relação cognoscente, tanto quanto a ‘semiose’ produzida pelo encontro lógico do conceito com seu intérprete. Embora nossa percepção seja limitada, fazendo com que nossa relação com as coisas seja parcial, um conceito também não representa mais do que um pálido reflexo do objeto que significa; por conta disso, qualquer cognição é relativa e precária – o que nos obriga a combinar sensibilidade e racionalidade para melhorar nossas chances de conhecer o mundo.

5 Conhecimentos produzidos pela percepção estética, sem a contribuição de qualquer linguagem codificada; cognição produzida sem signos.

6 Conhecimentos que não podem ser conceituados, nem transformados em conceitos (concepção de ideias). São provenientes de experiências pessoais, também conhecidos como “conhecimentos implícitos”, que não podem ser comunicados por uma linguagem codificada.

Quando focamos as coisas com nossos olhos antropocêntricos imaginamos poder conhecê-las completamente, porém, sem ter condições de sair de nossa condição humana para percebê-las por outros ângulos, ficam patentes nossas características cognitivas. As coisas existem, dentre elas nossos corpos, porém, não há como transformar em conhecimento uma coisa em si (como ensina Kant). Desse modo, também nós, como coisa do mundo, jamais nos conheceremos completamente. Por isso, o objetivo tradicional da filosofia, de “conhecer a si próprio”, é um pomposo mito socrático, jamais alcançável em sua plenitude.

Como coisa do mundo, nosso corpo guarda em si mesmo uma ciência que também existe no real, o que permite nos comunicar com outras coisas quando nos relacionamos com elas – dessa comunicação emerge o conhecimento humano do mundo. Entretanto, quando antropologizamos o real, duplicando-o na forma abstrata de um conceito, transformamos nosso conhecimento relativo em ‘exato’ – receita pronta para as utopias filosófico-científicas.

O que o nosso tempo requer é uma elaboração mais carnal do conhecimento, que leve em conta a dimensão perceptiva de toda apreensão de informações. O humano não se desencarna para pensar, mas pensa com a carne de seu corpo. O duplo da representação semiótica não é a essência do mundo real, mas apenas signos compartilhados por usuários de uma linguagem.

A essência das coisas é impenetrável, certamente, mas pela pura e simples razão de que não existe essência. Por que correr atrás do que não existe? A teologia e noventa por cento da filosofia – toda filosofia oficial... – enganam-se ao querer construir castelos com ficções, vento, fantasmas, *flatus vocis*. O mundo se capta exclusivamente com os cinco sentidos. (...) Os cinco sentidos são menos enganadores do que limitados em suas possibilidades. (ONFRAY, 2008 B, p. 235)

A gramática da linguagem verbal sempre foi gêmea monozigótica da lógica clássica, que ainda alimenta os métodos teórico-filosóficos de muitos pensadores, emprestando à palavra o poder de descrever a verdade perseguida pelos filósofos. Mas a palavra é esse vento sonorizado que anima fantasmas, ficções e conceitos – cria castelos de sonhos que os metafísicos chamam de mundo das essências. Assim, a lógica forma as regras do jogo gramatical e matemático, do qual os pensadores se valem para simular o mundo real na forma de duplos padronizados – as representações. Segundo HERWITZ, Wittgenstein propõe um exercício de descrição (“Descreva o aroma do café”), perguntando, então, o que está em jogo no fracasso em fornecer a descrição.

Pode-se, claro, começar a preencher a falta dessa descrição. Pode-se falar no perfume queimado do café, e, além desse perfume, podemos falar no amargor das sementes, podemos comparar o café ao alcaçuz, ao chocolate, ao chá, falar em sua qualidade estimulante. No entanto, a certa altura, a linguagem se detém diante do portal da experiência. Ou você conhece o aroma, ou você não o conhece. (2010, p. 154)

Conhecer, portanto, não é apenas dominar conceitos, memorizar representações e nomear as ideias que fazemos das coisas. Ou seja, a cognoscência depende dos afetos gerados pela experiência cotidiana do corpo, pois as linguagens – especialmente a verbal e a matemática – só podem dizer parte do que já é conhecido de todos, de vez que as palavras (e as equações) só cumprem seu papel, porque nossos mortos lhes conferiram sentido no passado.

Por outro lado, a estética como atividade cognitiva é um modo experimental de conhecer, devido a seu caráter relacional, mediado pelo corpo. Passar pela experiência de algo, ou seja, submeter-se ao atrito com o mundo é apaixonar-se<sup>7</sup> – disso é que se trata a cognição estética.

Experiência entende-se aqui como o constituinte do agir humano (...) que aponta para a indeterminação e a surpresa, logo, para a criatividade. A experiência faz-se visível na vontade do homem de singularizar-se, em suas escolhas e no seu potencial de transformação e passagem. (SODRÉ, 2014, p. 253)

“Experiência” é uma palavra que provém do latim *experire*, que então significava “aquilo que afasta o perigo”. Obviamente, se trata de atitudes, posturas e pensamentos que evitam a ocorrência dos erros e falhas. “Experiência”, portanto, é a construção de um conhecimento eficiente sobre o funcionamento do mundo, das coisas, de modo a afastar o malfeito e o fracasso. A estética, como conhecimento, provém das experiências sensíveis entre o real e o nosso corpo. Não sendo teórico, o conhecimento advindo da estética resulta de um processo de cognição que precisa ser incorporado, a fim de que o conhecimento sensível se complete. A estética não lida com a verdade como revelação, dedução silogística ou adequação do pensamento ao real, mas como os rastros sensíveis da presença do real na memória afetiva do corpo.

Pelo fato de constituir-se a partir das relações somáticas entre os corpos, poderíamos chamar a estética de uma espécie de ciência da imanência. O estudo da estética e, mais especificamente, da arte, requer um gesto de rompimento em relação à tradição do idealismo filosófico.

Compreender-se-á a partir daqui a que ponto o projecto de consagrar ao estudo da sensibilidade uma ciência autônoma, a estética, representa uma ruptura decisiva relativamente ao ponto de vista clássico, não só da teologia, mas de toda a filosofia de inspiração platônica. Devemos medir bem a ruptura: o objeto da estética, o mundo sensível, *não tem existência senão para o homem*, este é, no sentido mais rigoroso, próprio do homem (FERRY, 2003, p. 40).

Em função de sua liberdade com relação à abstração, a estética é uma forma de humanismo. Quando deixamos de buscar “lá fora”, “noutro mundo”, o sentido de nossa existência e aceitamos nossa finitude e imperfeição, cortamos as asas metafísicas que um dia a tradição nos impingiu ao

---

7 Proveniente do grego *pathos*, a ‘paixão’ passa ao latim como *patio*, para significar a capacidade de sentir, sofrer, suportar, aguentar... a carga emocional positiva ou negativa imposta sobre nós, por algo ou por um evento que nos comove até o íntimo, arrastando-nos para uma existência paralela ao *logos*, na qual nos tornamos ‘pacientes’ (*patio*) de sentimentos muito pouco compreensíveis, mas fartamente perceptíveis do ponto de vista estético. Paixão é o resultado cognitivo de uma experiência.

preço de nossa permanente impossibilidade de voar. Libertamo-nos das ideias de exatidão, assim como dos grilhões dos conceitos universais, para gozar a vida singular e própria de cada um, enquanto os anos nos permitem construir uma felicidade terrena. Quando abandonamos a ascese intelectual e deixamos de imitar os deuses que conhecem as coisas em si, então nos reencarnamos em nossos próprios corpos e assumimos resolutamente nossa precariedade humana. A estética é a ciência dos corpos reais.

Como o real existe em fluxo e parte de seu conhecimento implica a construção de verdades, é óbvio supor que a verdade também precisa fluir, equivocar-se, para manter-se válida. Mas, quando as representações semióticas se cristalizam em discursos gráficos, deixam de ser eficientes adequações ao real, pois correm o risco de se identificarem com o passado e se transformarem em curiosidades arqueológicas.

A verdade só é importante para certos tipos de conhecimentos que dependem da estabilidade dos significados das formas simbólicas de linguagens da cultura. A cognição estética não deriva de significados pacíficos apreendidos coletivamente de textos semióticos, mas diretamente dos corpos reais que afetam a sensibilidade humana. A estética não gera conhecimentos baseados em signos codificados, pois sua cognição não é uma adequação do pensamento organizado ao real, mas a percepção de um sintoma da presença do real.

Estese é a operação sensível que ocorre no momento da formação de uma cognição estética. Esse movimento sensorial emerge de uma tensão entre os corpos, e desse abalroamento sensível surge a percepção da presença dos corpos, isto é, o conhecimento da alteridade do mundo. Aqui não está em jogo a verdade, mas a aparição do fenômeno, sua vibração diante da sensibilidade da carne, que fornece a impressão de realidade e sussurra em nossa memória afetiva um eco da existência da coisa – sinais sensíveis de sua passagem pela nossa estesosfera.

As cítaras indianas possuem duas camadas de cordas. A camada superior é tocada pelo artista. A camada inferior nunca é tocada por ele. Ela vibra harmonicamente pelo poder do toque da melodia que sai da camada superior. Metáfora do corpo. O poeta fala [a arte se manifesta]. Sem argumentos ou provas, o corpo vibra. Essa vibração é a evidência de que o poeta [a arte] falou a verdade que dormia dentro do corpo (ALVES, 2011, p. 18).

A estética não é um conhecimento que diz as coisas; ela não diz o ser, ela não estabelece essências – não há sentido produzido por uma cognição sensível. O conhecimento estético, por assim dizer, se constitui da memória de imagens análogas às coisas que afetam a sensibilidade do receptor. A presença das coisas dispensa a sua representação por um signo que diga suas essências; a cognição estética age como os poemas que nada dizem, mas são eloquentes. “O certo seria reconhecer aqui aquilo que os lógicos chamam de falácia categorial: ‘dizer’ não é um verbo que se aplique a poemas, assim como o verbo ‘morrer’ não se aplica a uma pedra. Poemas enquanto poemas não dizem nem deixam de dizer coisa alguma” (CÍCERO, 2012, p. 113).

A arte da poesia consiste em transformar a palavra-signo em palavra-coisa, emprestando ao som das palavras mais realidade do que aos seus significados. Ao coisificar a palavra o poema retira dela sua obrigação de 'dizer' as essências, mas lhe oferece em troca a eloquência dos elementos existentes no real, permitindo assim, que a coisidade da palavra (seu som) nos comova e nos apaixone. O poeta, então, é aquele que retorna de onde veio a palavra-signo e apaga o rastro de seu significado consciente para resgatar o destino do fenômeno vocal, como emanção da carne dos homens – do grito, do canto. Ao retirar da palavra seu caráter simbólico, o poeta a transporta para a zona estética da cognição.

Conhecer, assim, deixou de ser o derradeiro exercício de nomear conceitos e internar proposições lógicas na busca por verdades abstratas, como representações *exatas* do real e do imaginário. Conhecer não é apenas inteligir as narrativas das leis e padrões invisíveis que determinam de fora a existência das coisas. Conhecer não é mais impregnar-se de signos e atribuir-lhes significados.

O conhecedor não é mais aquele que se pensa inteligente. Inteligir não é sinônimo de conhecer, mas apenas parte da operação cognitiva – do latim *inter + legere*, inteligência é a capacidade de ler o significado interno dos signos. Por seu turno, a cognoscência – capacidade humana de conhecer – demanda educação estética e intelectual em consonância, de modo que permita a pessoa organizar informações de caráter sensível e lógico, simultaneamente.

O corpo é um grande aparato cognoscente, cuja sensibilidade precisa ser educada, de modo que possa processar melhor as informações de caráter estético e lógico. A cognoscência, mais do que a inteligência, é a ideia contemporânea do que se entende por sapiência, porque reúne os aspectos estético e lógico da cognição humana, a partir da afecção sensível dos sintomas do mundo e da análise lógica dos padrões que representam a realidade sob análise.

*Sapientia* é conhecer a vida pela boca. É assim que a criancinha conhece o mundo, misticamente, de olhos abertos, a boca sugando o seio da mãe. Seio: primeira e inesquecível metáfora para o mundo. O mundo tem de ser um objeto de deleite. (...) Os olhos são amantes apolíneos: sentem-se felizes em contemplar de longe o objeto amado. Mas a boca é dionisíaca: precisa *comer* o objeto amado... (ALVES, 2011, p. 58)

Diferentemente do inteligente, o sábio (ou cognoscente) é o que saboreia, prova, incorpora, experimenta o mundo por meio de seus sentidos físicos; ele olha, ouve, cheira, tasteia e degusta o real de modo a trazê-lo para dentro de si, para formar sua memória estética, sempre pessoal e singular. Por isso, sempre há algo de inapreensível e incomunicável na sabedoria.

O campo da estética é justamente o conjunto das experiências saborosas que acumulamos na vida e transformamos em conhecimento do mundo real que nos envolve (e nos contêm). Como nos lembra Wittgenstein, a certa altura a palavra se cala diante do mundo, o que nos obriga a avançar com outros saberes, completando assim o exercício da cognoscência.

*Sapere*, termo latino, tem o duplo sentido ao significar o saber e o sabor das coisas. Por seu turno, *sapientia* traz o sentido de um conhecimento saboroso. Experimentar o sabor do mundo não significa um empreendimento sempre auspicioso – há sabores ruins! Porém, o corpo, essa coisa viva, usa os olhos para ver o fruto, o tato para alcançá-lo e o gosto para comê-lo – a palavra que nomeia a fruta pouco importa para conhecê-la. “A falta de clareza e distinção das palavras da *sapientia* não se deve a um defeito de comunicação que pode ser corrigido. Os sabores são, essencialmente, segredos, incomunicáveis. O objeto da *sapientia* está além das palavras”. (ALVES, 2011, p. 59)

Portanto, nem sempre conhecer é colocar em palavras impressões abstratas acerca de um fato real ou imaginário. Conhecer é traduzir em sensações trazidas pelos sinais estéticos gerados como sintomas do real. Traduzir é interpretar sinais estéticos ora em afetos, ora em manifestações de padrões e leis, que permitem elaborar modelos lógicos (conceitos) conversíveis em representações semióticas, pelas linguagens da cultura. O perigo reside quase sempre nas interpretações oficiais, cristalizadas pela tradição, que impedem a liberdade de traduzir as informações estéticas e lógicas capturadas do real, com mais criatividade e liberdade.

Conhecer não é explicar; é interpretar. Mas é ingenuidade pensar que uma única interpretação do mundo seja legítima. Não há interpretação justa; não há um único sentido. A vida implica uma infinidade de interpretações, todas elas realizadas de uma perspectiva particular. (...) O que também implica a coragem de assumir que não há verdade universal e que não tem sentido procurar estar de acordo com a maioria... (MACHADO, 2002, p. 94)

Explicar<sup>8</sup> é um modo de abstrair a realidade, uma característica do conhecimento lógico, que serve para ordenar, classificar e encaixar o fenômeno numa longa cadeia do ser, de que os humanos se utilizam para o domínio do real. A melhor explicação (ou seja, a melhor abstração) que se adequa à estrutura do real ganha o adjetivo de “verdade”. No entanto, nenhuma verdade construída a partir dos mecanismos silogísticos da lógica corresponde legitimamente ao real, de vez que a realidade é composta de coisas singulares, existentes por si mesmas, sobre as quais a verdade abstrata da lógica não tem qualquer controle.

A arte lida com as coisas reais e existentes, por isso mesmo sempre se bateu contra a verdade vista como uma representação abstrata do real, uma interpretação oficial, que se torna um instrumento de controle social, em função de algum sistema de poder. A estética (arte) é um conjunto de conhecimentos sensíveis, cujo instrumento de aferição da realidade é o corpo humano. A estética produz conhecimentos fundamentalmente importantes para

---

8 Do latim, recebemos os termos *plici/plica/plicare*, que significam ‘pregar’, ‘prega’, ‘dobra’. De modo geral, as palavras que comportam essa raiz latina (*plici*) referem-se a algo que não é plano, nem liso, contendo dobras, protuberâncias, superfícies de difícil superação. Quando várias línguas neolatinas desejam significar alguma coisa de difícil execução ou de raro entendimento, utilizam-se da palavra ‘complicação’, cujo prefixo latino *cum* significa ‘junto com’ ou ‘ajuntamento’, permitindo designar algo ‘com muitas dobras’ ou algum tipo de evento, coisa ou ideia de difícil acesso, devido suas múltiplas características. Nesses casos, a demanda é pela diminuição ou eliminação das ‘dobras’ incompreensíveis, deixando de fora (*ex*) ou eliminando as *plici* – ‘explicação’. Porém, ao eliminar as características próprias de um fenômeno, de modo a “explicá-lo”, a lógica mutila o fenômeno, transformando-o naquilo que ele não é, abstraindo algo que é real, trocando a coisa, pela ideia da coisa, precarizando o conhecimento.



a humanidade, cabendo-lhe uma epistemologia especializada que dê conta de seu universo cognitivo e de suas relações com o conhecimento lógico-filosófico-científico.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ruben. **Variações sobre o prazer [Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette]**. São Paulo: Planeta, 2011.

CASANOVA, Marco Antonio. **Heidegger e o acontecimento poético da verdade**. In: HADDOCK-LOBO, Rafael. (org.) **Os filósofos e a arte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

CÍCERO, Antonio. **Poesia e filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

FERRY, Luc. **Homo aestheticus: a invenção do gosto na era democrática**. Coimbra: Almedina, 2003.

GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e technè: o homem na idade da técnica**. São Paulo, Paulus, 2006.

HERWITZ, Daniel. **Estética: conceitos-chave em filosofia**. Porto Alegre: Armed, 2010.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

MUNIZ, Fernando. Platão contra a arte. In: HADDOCK-LOBO, Rafael. (org.) **Os filósofos e a arte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal ou o prelúdio de uma filosofia do futuro**. São Paulo: Hemus, 1977.

ONFRAY, Michel. **Contra-história da filosofia 1: as sabedorias antigas**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ONFRAY, Michel. **Contra-história da filosofia 4: os ultras das luzes**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

PINKER, Steve. **Tabula rasa: a negação contemporânea da natureza humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação: sintoma da cultura**. São Paulo: Paulus, 2006.

SÉVÉRAC, Paul. *in*: MARTINS, André. (org) **O mais potente dos afetos: Spinoza & Nietzsche**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SODRE, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

SODRE, Muniz. **A ciência do comum: notas sobre o método comunicacional**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2014.

SHUSTERMAN, Richard. **Consciência corporal**. São Paulo: Realizações Editora, 2008.

**Recebido em: 03/03/2021**  
**Aceito em: 10/09/2021**